



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



**JULIA JOSIAS DA SILVA**

**O *SPORT EDUCATION MODEL* APLICADO AO PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM DA MODALIDADE VOLEIBOL: UMA REVISÃO DE  
LITERATURA**

**BAURU  
2022**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



**JULIA JOSIAS DA SILVA**

**O *SPORT EDUCATION MODEL* APLICADO AO PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM DA MODALIDADE VOLEIBOL: UMA REVISÃO DE  
LITERATURA**

**Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Bacharelado em Educação Física em Educação Física.

**BAURU**

**2022**

Dedico este trabalho à minha sobrinha Manuela Josias Carrer (in memoriam), cuja sua vida - ainda que breve - me ensinou o verdadeiro significado da palavra amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e por me proporcionar saúde durante toda a jornada universitária.

Aos meus pais, Eliana e Wagner, e à minha irmã Gabriela, que foram meus alicerces e principais incentivadores para percorrer e finalizar este curso. Sem eles não seria possível!

Aos meus avós maternos e paternos, em especial ao meu avô Antonio Lyra (in memoriam) que sempre destacou a importância dos estudos desde cedo.

À minha tia Andréia, meu exemplo de mulher independente e estudiosa, que sempre esteve presente em minha vida.

Aos amigos que se fazem presente até hoje e que fizeram desta caminhada mais divertida.

Agradeço aos professores da UNESP/Bauru, por todo conhecimento repassado e todas as vivências.

Ao meu orientador Milton, que para além de um ótimo professor, tem um olhar humano e igualitário sobre seus alunos. Agradeço pela paciência e dedicação colocada neste trabalho.

Agradeço ao meu namorado Erick, por me incentivar a encerrar este ciclo e se mostrar disponível sempre que necessário.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu filho ou filha que estou gestando (e que em breve estará aqui), por ter sido o combustível que faltava para finalizar este trabalho.

Minha gratidão a todos!

*“(...) o que se aprende no caminho importa mais do que a chegada.”*

Djonga

## RESUMO

Diante das adaptações na sociedade que são fruto de novos saberes, a pedagogia do esporte também se transformou com o decorrer das novas gerações. Metodologias que antes eram estimadas passaram a ser questionadas, como por exemplo, a tecnicista (tradicional) que fragmentava o ensino dos esportes por meio da repetição de fundamentos sem nenhum entendimento da lógica do jogo. O voleibol por sua vez, sendo um jogo complexo, é um exemplo de modalidade na qual é preciso compreender as especificidades dos alunos para definir uma metodologia na qual o processo de ensino-aprendizagem seja prazeroso e não excludente. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo analisar os diferentes métodos de ensino do voleibol reunindo dados a partir de uma revisão de literatura que indicasse se o *Sport Education Model* seria um modelo indicado para a iniciação esportiva da modalidade. Os achados evidenciaram que a aplicação do *Sport Education Model* em diversos contextos contribuiu para a fidelização de alunos, maior compreensão da lógica do jogo, autonomia e entusiasmo pela prática, sendo uma metodologia possível de ser aplicada na iniciação esportiva.

**Palavras-chave:** *Sport Education Model*. Ensino-Aprendizagem. Pedagogia do Esporte. Voleibol.

## ABSTRACT

In view of the adaptations in society that are the fruit of new knowledge, sports pedagogy has also changed with the passing of new generations. Methodologies that were once esteemed have started to be questioned, such as, for example, the technician (traditional) one, which fragmented the teaching of sports by means of the repetition of fundamentals without any understanding of the logic of the game. Volleyball, on the other hand, being a complex game, is an example of a modality in which it is necessary to understand the specificities of the students in order to define a methodology in which the teaching-learning process is pleasant and not exclusive. Therefore, the present study aimed at analyzing the different volleyball teaching methods, gathering data from a literature review to indicate whether the Sport Education Model would be a suitable model for sport initiation. The findings showed that the application of the Sport Education Model in different contexts contributed to the loyalty of students, greater understanding of the logic of the game, autonomy and enthusiasm for the practice, being a possible methodology to be applied in sports initiation.

**Key words:** Sport Education Model. Teaching-Learning. Sport Pedagogy. Volleyball.

## SUMÁRIO

<b>I - INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>II - OBJETIVO</b>	<b>5</b>
<b>III - REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>6</b>
3.1 - A MODALIDADE VOLEIBOL	6
3.2 - COMO ENSINAR VOLEIBOL	11
3.3 - O <i>SPORT EDUCATION MODEL</i>	16
3.4 - O <i>SPORT EDUCATION</i> APLICADO AO VOLEIBOL E AOS ESPORTES	18
<b>IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>21</b>

## I - INTRODUÇÃO

O Voleibol é um dos esportes mais praticado na atualidade no Brasil. Isto é fruto de resultados que foram obtidos por equipes nacionais nos grandes eventos esportivos, em nível mundial, em destaque as Olimpíadas e os campeonatos mundiais. De acordo com Rocha (2000), o voleibol hoje é um dos principais esportes do país, referindo-se à sua popularização e ao favoritismo que levam às equipes brasileiras a se apresentarem entre o grupo das melhores do mundo.

Esta constatação ocorre tanto nas equipes masculinas como nas femininas. Isto se deve ao fato do grande empenho e capacitação dos técnicos, atletas e dirigentes que regem o voleibol nacional (BOJKIAN, 1999). Portanto, atualmente o Brasil é referência mundial na preparação técnico, tática e física; nesta modalidade.

Fruto deste histórico é que muitos estudantes no contexto escolar, em clubes e escolinhas de iniciação esportivas iniciam a aprendizagem e prática da modalidade vôlei. Taira (2007) em seu trabalho de conclusão de curso relata o seu envolvimento com a modalidade voleibol que caracteriza esta fase de ampliação da prática da modalidade. A autora apontou que estimulada pelo avanço do voleibol brasileiro iniciou o contato com a modalidade como uma forma de lazer e na escola, porém, sua prática era regular, participava de treinamentos e competições, ministradas por técnicos e professores.

Semelhante situação reflete o meu envolvimento com a modalidade e que me leva colocar este tema em estudo no final deste ciclo de formação acadêmica. Por vivenciar diferentes espaços onde ocorre o ensino do voleibol observei diferentes abordagens para o ensino da modalidade, mais que isso, identifiquei que muitos amigos e colegas desistiam do processo de aprendizagem ou prática da modalidade.

Este fato sempre gerou curiosidade de entender o porquê isto ocorre. Uma das explicações para tal fato é apresentada por Costa et al. (2020) que aponta que a utilização da abordagem tradicional do ensino dos esportes na Educação Física brasileira gera o abandono muitas vezes do aluno iniciante. Ensino este pautado na repetição sistemática de movimentos padronizados,



execução de exercícios técnicos fora das situações do jogo/esporte, centrado na diretividade do professor, motivo este que têm levado esta abordagem a ser alvo de críticas por não se adaptarem nem às expectativas nem aos desejos dos alunos.

Por muito tempo o Modelo de Instrução Direta (Abordagem tradicional) utilizou o professor como centro de tomada de decisões. Em sua dissertação de mestrado Lopes (2012, p.03) define o modelo da seguinte forma:

*“Este modelo é caracterizado pela definição e formulação de objetivos finais sob a forma de comportamentos observáveis, a definição dos conteúdos prévios entendidos como pré-requisitos a partir da avaliação inicial dos alunos, a sequencialização das tarefas a apresentar aos alunos e a avaliação das aprendizagens face à consecução dos objetivos e avaliação do próprio programa de ensino.”*

Na literatura vemos que este modelo vem sendo questionado desde a muito tempo (Costa et al., 2020), porém, ainda persiste na prática profissional o modelo tecnicista (OLIVEIRA,2007). No estudo de Oliveira (2007) identificou no ensino do voleibol escolar que o método utilizado pelos professores foi o tecnicista baseado na repetição de gestos motores, de forma fragmentada a partir dos fundamentos (toque, manchete, cortada, saque, bloqueio) para ir introduzindo aos poucos o jogo coletivo. A autora concluiu que o tempo de ensino escasso não é satisfatório para suprir as necessidades do processo de ensino do voleibol, criando obstáculos para uma aprendizagem significativa, eficiente e prazerosa nas aulas. Portanto, variar a prática a partir das adaptações parecem ser estratégias interessantes para alunos com dificuldade na execução das habilidades do jogo de voleibol.

A sociedade vai se adaptando com a chegada das novas gerações fruto de novos saberes adquiridos em determinada época cultural e histórica. Da mesma forma, as metodologias pedagógicas de ensino nos esportes também foram se transformando para atender as demandas e os objetivos dos indivíduos no processo de iniciação esportiva (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Para além das mudanças na sociedade, surgiram problemáticas e questionamentos sobre o modelo de Instrução Direta tão utilizado no ensino do esporte, em especial na escola. Será que tais pré-requisitos são necessários e

as avaliações dos alunos não promoveriam uma exclusão dos menos habilidosos? Será que as necessidades individuais de cada aluno são levadas em conta no uso deste modelo?

Costa et al. (2020) apresenta que para buscar romper com esse modelo educativo de ensino dos esportes, centrado na abordagem tradicional tão presentes no cenário brasileiro, o *Sport Education Model* (SEM), apresenta-se como um modelo de ensino que proporciona aos estudantes um papel central e autônomo no processo de ensino e aprendizagem.

O novo modelo criado por Daryl Siendentop designado de *Sport Education Model* (SEM) ou Modelo de Educação Desportiva (MED) muda o centro do processo de ensino-aprendizagem para o aluno e amplia todo o cenário esportivo para além do jogador, diminuindo assim os fatores de exclusão (MESQUITA, 2014). O *Sport Education Model* surgiu como possibilidade de maior compreensão e participação dos alunos no âmbito esportivo, sem a visão exclusiva e reducionista que antes ocorriam nas metodologias pedagógicas tradicionais (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

De acordo com Graça e Mesquita (2007), tal modelo prioriza a democratização e humanização do desporto, de forma a evitar problemas associados a uma cultura desportiva enviesada, tais como: o elitismo, a iniquidade e a trapaça. Além disso, o SEM atribui significado a prática esportiva melhorando as relações interpessoais que conseqüentemente, favorecem a aprendizagem cooperativa.

A motivação pessoal para realização deste trabalho surgiu com base em um estágio realizado no SESC Bauru, na qual acompanhei uma turma de jovens que estavam iniciando no voleibol e eram orientados por um professor que aplicava o SEM em suas aulas. O interesse foi surgindo ao me dar conta de que, apesar de ser um esporte excludente (onde os mais habilidosos permanecem e os de menor habilidade desistem), com a aplicação do SEM todos os alunos se sentiam incluídos e motivados a praticar.

Tendo isso em vista, surgiram questões do por que deste *Sport Education Model* (SEM) não ser utilizado com tanta frequência pelos profissionais que atuam na iniciação esportiva do voleibol?

Para o levantamento, foram selecionadas publicações periódicas (jornais e revistas, impressas ou virtuais), artigos científicos, dissertações e monografias acadêmicas, publicadas nos últimos 20 anos, buscando pelas palavras-chave “Sport Education Model”, “Voleibol” e outras que tenham relação com os fatores que interferem sobre o ensino-aprendizagem da modalidade, referidas anteriormente, consultando-se a seguinte base indexadora: Google Acadêmico.

Assim, buscamos nos estudos e na literatura para identificar as diferentes propostas de ensino do voleibol e estudos que sinalizem ou não que o SEM possa ser utilizado em diferentes contextos de ensino da modalidade voleibol.

## **II - OBJETIVO**

O objetivo desta pesquisa foi buscar os diferentes métodos de ensino da modalidade coletiva Voleibol visando reunir dados a partir de uma revisão de literatura que indicasse se *Sport Education Model* (SEM) pode ser um modelo indicado na iniciação esportiva da modalidade.

### **III - REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 - A MODALIDADE VOLEIBOL**

Por volta de 1917, o voleibol chegou ao Brasil por meio da ACM (Associação Cristã de Moços), na cidade de São Paulo (RIGOTTI, 2018). No início surgiu de uma atividade lúdica e com o passar dos anos com a introdução das regras evoluiu técnica e taticamente sendo reconhecido como um esporte nacional e internacionalmente (BIZZOCCHI, 2004). Atualmente, o Voleibol vem se destacando como um dos esportes coletivos mais populares e conhecidos pelo mundo (ROCHA, 2000).

Hoje, passados mais de cem anos de sua criação e após inúmeras adaptações e modificações, o voleibol tornou-se este vibrante e competitivo desporto. Desta forma, é praticado por dezenas de milhões de pessoas em todos os continentes e que, somente na essência, lembra aquela atividade lúdica e recreativa idealizada por seu criador (RIBEIRO et al., 1992).

Ao longo das duas últimas décadas, o esporte vem se consolidando como parte essencial e indispensável nos planejamentos e conteúdo das aulas de Educação Física. Entretanto, ainda vem sendo muito trabalhado na forma tradicionalista, enfatizando a parte técnico-mecânico e a excessiva competitividade dentro e fora das aulas (BÔAS; FONTANELLA; PEREIRA, 2000).

Oliveira (2007) o voleibol é um esporte altamente técnico que não possui movimentos naturais. Para se construir tais movimentos, os alunos são envolvidos em uma situação de aprendizagem motora muito complexa, favorecendo a aprendizagem das habilidades específicas do jogo. Assim, é importante que o aluno tenha anteriormente o domínio das habilidades básicas.

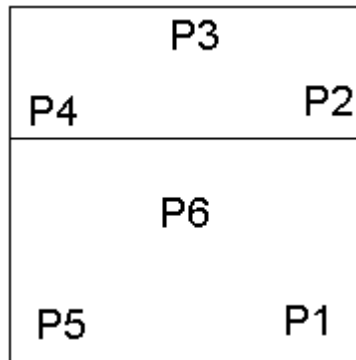
Gallahue (2005) coloca que a habilidade de movimentos especializados acontece após a criança atingir um padrão de movimento fundamental, no qual conseqüentemente a levará ao aprimoramento e as variações de tal habilidade motora. Mas para além do desenvolvimento de habilidades motoras, Gallahue (2005) destaca que a prática esportiva contribui para questões psicossociais não apenas em um contexto de jogo e competição, como também em situações cotidianas.

Segundo Bento (1999) a competição é antes de qualquer coisa, uma ferramenta social e cultural que a partir de sua utilização pode se determina o processo e a qualidade da formação educacional dos jovens praticantes de esportes.

Dentre os diversos esportes coletivos existentes, o voleibol pode ser visto como o mais coletivo. Visto que a dinâmica do jogo impossibilita os atletas de segurarem ou agarrarem a bola, tornando as ações necessariamente coletivas, estabelecendo assim um processo de cooperação entre os jogadores da equipe (RIGOTTI, 2018).

O jogo consiste em golpear a bola (geralmente com as mãos) de forma que ela passe sobre a rede em direção ao campo defendido pelo adversário, evitando-se que ela caia no lado do seu próprio solo. Cada jogada se inicia por um saque, dado por um jogador que está atrás da linha de fundo da quadra. O saque deve passar por cima da rede no espaço delimitado pelas antenas. A equipe que recebe o saque deve enviar a bola de volta ao campo daquele que sacou com o máximo de precisão buscando fazer pontos (BOJIKIAN, 1999).

Para que se tenha um maior desempenho dos jogadores e estes consigam o objetivo de fazer o maior número de pontos na partida, foi definido que o número máximo de jogadores em quadra seriam seis (6), e que eles poderiam dar no máximo três (3) toques para passar a bola ao adversário. Estes jogadores foram distribuídos da seguinte forma na área de jogo: três jogadores na área de ataque e três jogadores na área de defesa. O posicionamento é definido inicialmente e a cada disputa de ponto estes jogadores realizam a troca de posição no sentido horário (SOUZA, 1996). A Figura 1 demonstra esta disposição dos jogadores, numerada de 1 a 6 no sentido anti-horário:



**Figura 1** – Posição dos jogadores na quadra

O objetivo do jogo é fazer com que a bola toque o solo da quadra adversária marcando um ponto. O jogo é subdividido em “sets” de 25 pontos. Atualmente, em competições oficiais o jogo deve ser disputado em melhor de 5 sets, onde os 4 primeiros são marcados até 25 pontos corridos (sem vantagem) e o 5º set até 15 pontos também em pontos corridos, tendo que haver sempre a vantagem de 2 pontos pelo menos para que uma equipe vença o set (RIBEIRO, 2004). Para jogos não oficiais ou dependendo das regras da competição é possível observamos jogos de 3 sets, sendo que os dois primeiros serão de 25 pontos e, se necessário, haverá um set de desempate de 15 pontos, seguindo os mesmos critérios de pontuação dos jogos de 5 sets.

O jogo acontece a partir de fundamentos que podem ser definidos como habilidades de movimentos especializados. A ASEP (1999) aponta que os fundamentos do jogo são o: saque, manchete, toque, cortada e bloqueio.

O **saque** além de colocar a bola em jogo pode ser um caminho eficaz para um time marcar pontos rapidamente. Há três tipos de saque, o saque por baixo, por cima e o saque viagem, no qual o jogador salta para efetuá-lo. Tais tipos de saque podem ser utilizados como uma tática individual do atleta dependendo do seu nível de habilidade ou da equipe que está enfrentando.

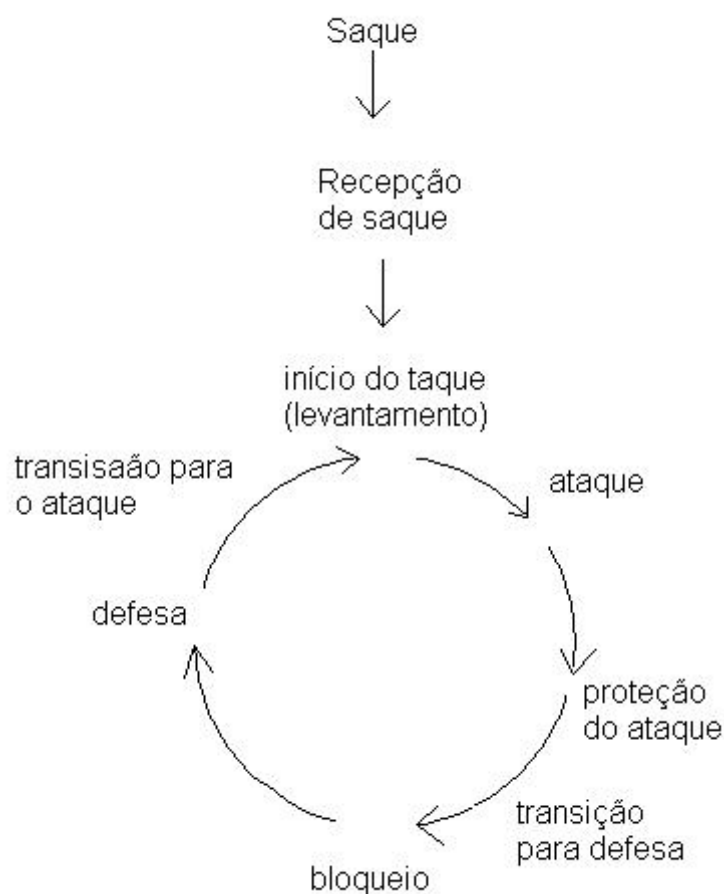
A **manchete** normalmente é usada para recepcionar saques e defender ataques e para recuperar bolas que não estejam abaixo da linha da cintura do jogador. Normalmente é visto como uma técnica de transição entre a defesa e a preparação do ataque. Portanto, sendo esta bem executada favorecerá ao

ataque seguinte, pois proporcionará ao levantador uma boa qualidade no passe favorecendo-o no levantamento.

O **toque**, passe por cima da cabeça, é usado em bolas altas e lentas. É também muito utilizado por levantadores por ser um passe mais preciso do que a manchete. O ataque é a finalização da equipe, normalmente é por ele que a equipe consegue marcar seu ponto.

O **bloqueio** tem duas funções, pode ser tanto de ataque como de defesa, ou seja, o bloqueio é utilizado para impedir que o atacante consiga executar o ataque, fazendo com que a bola retorne para a quadra do atacante. Esta habilidade também pode ser considerada como uma ação defensiva no qual ele servirá para amortecer um ataque facilitando a defesa de seu time.

Nas partidas de voleibol, as jogadas acontecem de uma forma cíclica (RIBEIRO 2004). Na Figura 2 está demonstrada a dinâmica de um rally, disputa de um ponto no voleibol, nomeando cada componente e a ordem de surgimento dos fundamentos e técnicas do jogo.





**Figura 2** – Ilustração dos fundamentos e técnicas envolvidas em um rally do jogo de voleibol, adaptado Ribeiro (2004).

Caberá o treinador estimular a prática desses fundamentos dentro desta dinâmica, visando o desenvolvimento técnico de seus atletas, bem como iniciar a organização tática da equipe. E para compreendermos de maneira simples e direta, Melhem (2004, p. 39), nos explica de maneira breve como ocorre uma partida de voleibol:

*“(...) é um esporte jogado entre duas equipes numa quadra dividida por uma rede. Existem diferentes sistemas específicos desse jogo. Conforme as circunstâncias, aplicam-se diferentes sistemas de jogo, cabendo aos participantes escolher a melhor forma de executá-los. O objetivo do jogo é fazer a bola cair no campo adversário, enviando-a por cima da rede e impedir que isso aconteça no seu próprio campo. Cada equipe dispõe de três toques para devolvê-la à quadra adversária (além do toque no bloqueio). A bola é colocada em jogo com um saque: o jogador golpeia a bola enviando-a por cima da rede para a quadra adversária. A bola continua em jogo até que caia dentro da quadra, vá para fora ou a equipe não a devolva corretamente para a quadra oposta. No voleibol, o time que ganha um rally marca um ponto (sistema de ponto por rally). Quando a equipe receptora ganhar um rally, ganhará um ponto e o direito de sacar, e seus jogadores mudarão de posição, efetuando um movimento de rotação sempre no sentido dos ponteiros do relógio.”*

Kolbe (2006) analisando partidas de voleibol verificou que os sistemas táticos influenciam o desempenho da equipe e que para algumas equipes este não foi introduzido com base nas características físicas e técnicas dos jogadores. Isto fica evidenciado quando comparamos os resultados dos jogos e os escores de desempenho das técnicas do jogo, tanto para as equipes femininas como para as masculinas. Portanto, evidenciando que o modelo tecnicista utilizado em equipes de alto nível, como por exemplo o sistema com cinco cortadores e um levantador mais o líbero, deve ser repensado a partir da eficiência técnica dos jogadores.

Com tais informações, o processo de ensino-aprendizagem do voleibol deve compreender não apenas questões técnicas e táticas, mas o contexto esportivo como um todo, considerando toda a complexidade do jogo.

### 3.2 - COMO ENSINAR VOLEIBOL

Sabemos que o voleibol é um esporte no qual requer tomada de decisões rápidas e precisas, bem como uma boa integração dos jogadores. Sendo assim, as metodologias utilizadas no processo de ensino do voleibol devem ser adequadas aos iniciantes da modalidade, visto que, o modo de ensino implicará diretamente na aquisição das habilidades específicas e motivação dos participantes (MESQUITA,2014).

Segundo Rufino e Darido (2012) a área da Pedagogia do Esporte tem a intenção de entender a sistematização da prática pedagógica e como se dá os processos de ensino e aprendizagem do esporte. Demanda, que recursos e estratégias metodológicas produzam como resultado principal, a aprendizagem efetiva da modalidade desenvolvida, de maneira que o participante tenha condições de conhecer, praticar e compreender o que faz.

Brasil (2019) aponta a necessidade de familiarizar-se e entender novas propostas metodológicas, como se dá a sua implementação, com o intuito de estimular a aprendizagem efetiva por meio de experiências ricas no contexto esportivo. A autora ainda coloca que, é necessário romper com a ideia da “prática pela prática” fora do contexto do jogo e do ambiente esportivo, na qual foca apenas nos fundamentos técnicos.

Durante o processo de ensino-aprendizagem do voleibol, há quem diga que respeitar as fases de aprendizagem são fundamentais para se obter constância na evolução motora do aluno. Prado Jr. (1998) argumenta que em qualquer situação de trabalho o profissional de Educação Física necessita conhecer quem é seu aluno, em que fase de desenvolvimento ele está para planejar conscientemente sua intervenção.

O autor Borsari (1989), apresenta algumas fases que se adaptam as categorias de fatores necessários para o voleibol:

- Fase de aprendizagem (9 a 10 anos): prática de jogos adaptados, movimentação e execução natural dos fundamentos sem maior preocupação técnica ou tática.
- Fase da iniciação esportiva (11 a 13 anos): introdução de técnicas simples nos fundamentos e adaptação progressiva nas fases do jogo.

- Fase de aperfeiçoamento (13 a 15 anos): processo de aperfeiçoamento técnico-táticos dos fundamentos do jogo, adaptação tática.

De acordo com Müller (2009) cada fase tem suas particularidades no processo de ensino-aprendizagem, portanto, cada fase irá desenvolver no aluno um objetivo específico, desde identificar o ambiente em que se encontra, socializar com os outros integrantes e demonstrar que o bem estar deverá estar acima do que simplesmente jogar voleibol.

Ao falarmos em processos que envolvem a Pedagogia do Esporte somos inconscientemente levados a pensar nos métodos “tradicionais” existentes, bem como o modelo tecnicista, que surgiu pelos anos de 1970. Tal modelo tecnicista surgiu durante o regime militar para ser utilizado no contexto escolar, de acordo com Castro (1996) o esporte foi incentivado pelo governo para que mantivesse os alunos afastados de atividades políticas.

O ensino pelo modelo tradicional se estrutura com a figura do professor como único portador de tal conhecimento, no qual se torna responsável pela interpretação e exposição do mesmo. O aluno por sua vez aparece como coadjuvante, sendo apenas o ouvinte e executante de tais instruções (ARANHA, 1996).

A principal estratégia utilizada no modelo tradicional é a prática repetitiva, na qual o aluno é submetido à repetição de gestos técnicos utilizados em determinada modalidade esportiva. No voleibol por sua vez, podemos dizer que essa estratégia de repetição, quando colocada para os diferentes níveis de idade, torna a modalidade exclusiva e desinteressante para os alunos menos habilidosos (ROSE JR, 2009). O autor ainda destaca a prática esportivizada, na qual demanda a prática repetitiva dos fundamentos e gestos técnicos específicos da modalidade em si. Essa prática esportivizada exclui o restante do cenário esportivo, limitando-se apenas a repetir o que lhe foi passado.

Assim como destaca Rigotti (2018) é importante mencionar que o voleibol é um dos importantes conteúdos curriculares das aulas de Educação Física nas escolas. Tendo conseqüentemente, sua prática demasiada nas aulas de Educação Física e nas escolas em duas configurações: uma voltada ao ensino-aprendizagem para todos os alunos; e outra, mais voltada ao esporte de rendimento e às competições, sendo praticado nas atividades

extracurriculares que ocorrem em horários específicos e com objetivos diferentes.

Desta maneira as aulas de Educação Física, passam a ser como uma espécie de “peneira” para identificar possíveis “talentos” a serem selecionados e convidados para participar das equipes de treinamento, transformando assim o jogo da escola no “tecnicismo” esporte competitivo e excluindo alunos menos habilidosos (RIGOTTI, 2018). A iniciação esportiva é um momento de “iniciação propriamente dita”, em que, irá ser construído o conhecimento técnico e tático de uma modalidade esportiva. Logo, não é um momento de priorizar a detecção dos possíveis “talentos esportivos”, mas sim, desenvolver futuros praticantes desta modalidade (LEONARDI, 2013)

Estimular apenas a competição e a execução dos fundamentos de maneira eficaz no voleibol escolar é incentivar a exclusão social, deixando apenas os mais habilidosos na prática esportiva de tal maneira a abdicar dos valores éticos, morais e sociais no qual a educação se propõe (ASSUNÇÃO, 2012).

Este estudo destina-se ao âmbito do bacharelado, contudo, nos últimos parágrafos foram citados fatos do voleibol na educação física escolar que coincidem com os ocorridos em clubes e escolinhas de iniciação esportiva. que se dedicam apenas ao tecnicismo e ao alto rendimento, sendo assim de grande importância citar tais autores e suas falas.

No que se diz aos planejamentos de aulas para o ensino-aprendizagem do voleibol Rigotti (2018) coloca:

*[...] é fundamental estabelecer condições de não só trabalhar com o aluno os gestos técnicos para a modalidade como também criar possibilidades para o aluno compreender o jogo de forma geral, apresentando-lhe as regras oficiais institucionalizadas, assim como o que se encontra implícito no jogo sobre os diversos aspectos das suas práticas na realidade social.*

A bibliografia a cerca do tema estudado no presente artigo, mostra que até a década de 70, o processo de ensino-aprendizagem era todo centrado nas pedagogias tecnicistas, mantendo o foco nas repetições de gestos mecânicos e principalmente centrados na competição. Rigotti (2018), ainda coloca que, tal metodologia tecnicista utilizada no ensino de esportes coletivos (aqui

especificamente no voleibol) exclui toda a compreensão necessária que o praticante deveria estabelecer entre teoria e prática durante o processo. Pois sabemos que o voleibol possui variações de sistemas de jogos que demandam de respostas rápidas em diferentes situações dos jogos que a partir de ensinamentos fragmentados não são possíveis de serem desenvolvidas

Dias (2020) argumenta em seu trabalho que a partir de experiências vivenciadas no chão da quadra e estudando a literatura recente na Pedagogia do esporte, percebeu-se a existência de outras possibilidades, ou seja, outras formas de ensinar o esporte, em especial o esporte coletivo. Essas propostas distanciam-se do modelo tradicional, ressignificando o esporte dentro da escola e visam a transformação social, pois oportuniza aos alunos momentos de reflexões e de discussões. A autora baseada nos estudos de Bayer (1994), Garganta (1998), Greco (2006), González e Bracht (2012) apresentam-nos diferentes perspectivas de ensino, com estratégias de aplicação e resultados práticos comprovados sobre os modos de ensinar a partir da utilização de metodologias táticas.

Outro fato importante no processo de ensino-aprendizagem do voleibol são as intervenções feitas através do professor e dos alunos nas análises de situações durante o jogo que facilitam e ampliam as possibilidades de resolução de problemas, gerando maior autonomia e confiança nos mesmos. COLLET et al. (2007), colocam que para atingir metas estabelecidas durante o processo de ensino-aprendizagem é de suma importância levar em consideração a interrelação entre professor/aluno e o ambiente em que estão inseridos.

Bronfenbrenner (1996) em sua abordagem ecológica onde fundamenta que qualquer processo de aprendizagem e desenvolvimento dependerá de como, onde, em que momento e de que forma um estímulo foi planejado e trabalhado com a pessoa em desenvolvimento. .

Santana (2015) completa dizendo que, o ato de ensinar o esporte não pode ser “reducionista” a ponto de desconsiderar questões socioculturais e que se faz necessário romper com as abordagens pedagógicas que privilegiam o professor, desconsiderando a experiência do aluno.

Borsari (1989) considera importante que a criança aprenda a jogar o voleibol através de jogos adaptados, sobretudo em relação à altura da rede,

que deve possibilitar os alunos/jogadores, em função de sua faixa etária e estatura terem impulsão. Assim, os mesmo “podem aprender a executar todos os fundamentos do jogo, sem encontrar uma barreira excessiva que os leve a não conseguir ter êxito na execução da habilidade, vivenciar erros constantes e a perder a motivação por falta de sucesso” (BORSARI, 1989, p.7).

Em relação aos fundamentos do voleibol, Bobato e Ribeiro (2012) colocam que devem ser trabalhados na fase onde a criança inicia a prática do mini-vôlei, sem a obrigação de realizar o movimento perfeito, visando apenas uma expressão mais próxima do que seria o fundamento do voleibol e a lógica do jogo.

Dias (2020) também utilizou a estratégia do mini-jogos em seu estudo sobre o ensino do Voleibol. Segundo a autora isso se justifica por ser um termo de fácil entendimento para os alunos e para os professores que, possivelmente, terão contato com a pesquisa desenvolvida. O conhecimento em esportes deve inicialmente ser adaptado/ajustado às características das crianças – jogadores, que podem facilmente reproduzir diferentes jogos de invasão, retendo um grau de conhecimento dos processos ou técnicas de jogo, transferidos de um para outro – o que justifica a utilização de espaços reduzidos.

Também chamados de minijogos, estas práticas possibilitam a apreensão da similaridade presente nos jogos de invasão, quando as crianças são capazes de conservar os conhecimentos e táticas dos jogos para a realização de outros jogos (SADI et al., 2008, p. 18).

Dias (2020) argumenta que o minijogos é uma estratégia de ensino que possibilita melhor compreensão sobre o que permeia a lógica do jogo e uma participação mais ativa de todos os alunos envolvidos no projeto. Para que haja a compreensão desses princípios imersos no jogo, buscaremos modificar a forma e a estrutura dele para que ocorra o entendimento sobre a modalidade escolhida.

Araújo (2014) diz que o trabalho com os jogos reduzidos pode propiciar possibilidades no processo de ensino e de aprendizagem, a saber: maior participação dos alunos nas ações e situações de jogo; número maior de contato com a bola por todos os alunos, maior frequência de finalizações e

maiores possibilidades atingir o objetivo, colocando aluno/atleta o mais perto possível da lógica interna do jogo.

As questões citadas são apenas algumas das várias encontradas na abordagem no ensino de modalidades esportivas, visto que, há muitos outros princípios indispensáveis a serem trabalhados e que irão contribuir não somente no desenvolvimento motor do aluno. Como por exemplo, a convivência, a cooperação, a liderança e até mesmo o desenvolvimento da personalidade do mesmo. Surge então a hipótese: seria o *Sport Education* uma “solução” para uma iniciação esportiva no voleibol menos reducionista, desmotivante e elitista?

### **3.3 - O SPORT EDUCATION MODEL**

O *Sport Education Model* (SEM) ou Modelo de Educação Desportiva é uma metodologia de ensino do esporte criada por Daryl Siedentop nos anos 80 nos Estados Unidos, com o propósito de intervir nos modelos de ensino do esporte da época que assumiam a prática esportiva descontextualizada no ambiente escolar (PEREIRA, 2012). Segundo Siedentop (1994), um dos principais objetivos do *Sport Education Model* para além de enfatizar a compreensão do jogo como um todo, seria habituar o aluno como centro do processo de ensino e promover aprendizagens legítimas e culturalmente pertinentes.

O *Sport Education Model* deixa de lado a visão do professor como o centro de tomada de decisões no processo de ensino-aprendizagem, colocando-o agora como um mediador do espaço. Além disso, há uma redefinição importante nos papéis dos alunos também, estes agora serão não somente jogadores, mas também árbitros, jornalistas, técnicos, dirigentes etc.

Além desses novos papéis, o *Sport Education Model* utiliza de três principais eixos fundamentais para a inclusão e revisão da educação física tradicional: *desportivamente competente*, *desportivamente culto*, *desportivamente entusiasta* (Siedentop, 1994). O autor coloca que ser *desportivamente competente* se diz a respeito de dominar habilidades técnicas e táticas da modalidade em foco; o *desportivamente culto* é entendido como toda a compreensão do aluno acerca das regras e tradições do esporte; e por

fim, para ser *desportivamente entusiasta*, o aluno deve se sentir envolvido e atraído pela cultura do esporte, atuando na manutenção da autenticidade do jogo no seu contexto mais prático.

**Figura 1** – Objetivos centrais e específicos do Sport Education.

Objetivos centrais	Explicação	Objetivos específicos
Formar um aluno competente	Habilidades básicas e necessárias para conseguir se apropriar do conhecimento e desfrutar das práticas.	Ensinar as habilidades específicas.
		Ensinar a modalidade esportiva para além da abordagem tradicional (centrada na técnica e na dimensão procedimental).
		Adaptar as regras e espaços para que todos possam participar (mais e menos habilidosos).
Formar um aluno letrado	Um aluno "alfabetizado", que conheça as regras, rituais e tradições das práticas.	Fazer com que os alunos diferenciem os diferentes papéis para além da prática em si, atuando como: técnico, manager, árbitro, jornalista etc.
		Incentivar papéis de liderança e responsabilidade.
		Promover trabalhos em grupo em busca de um objetivo comum.
		Fazer os alunos conhecerem, respeitarem e, até, apreciarem rituais particulares de cada prática.
Formar um aluno entusiasta	Um aluno que possua boas atitudes, que respeite e cultura esportiva e seja engajado na prática.	Fazer com que os alunos vivenciem os papéis de árbitros e juizes, de modo que possam compreender sua importância.
		Despertar o interesse pela prática.

Fonte: Siedentop (1994) apud Ginciene e Matthiesen (2017, p.731)

E para que a prática esportiva ocorra de forma completa e contextualizada, o *Sport Education*, ainda se distribui em temporadas para melhorar o ambiente de aprendizagem do esporte para o aluno.

A *afiliação*, que confere ao aluno o reconhecimento de fazer parte de uma equipe, fazendo com que o mesmo entenda sua importância no contexto social e no jogo.

**Figura 2.** Desenvolvimento do sentimento de afiliação



Fonte: Costa et al. (2020)



A *competição formal* possibilita os alunos participantes a terem uma experiência próxima ao esporte competitivo, podendo assim estabelecer metas a serem conquistadas pelo time; e finalizando a temporada, ocorre o *evento culminante*, que sugere e/ou espera que as equipes já estejam prontas para demonstrar todo o aprendizado que foi adquirido durante a temporada, colocando-o em prática durante a competição (SIENDENTOP, 1994).

Dentro destas condições, Siendentop (1994) evidencia também a *manutenção dos registros*, onde os alunos deverão relacionar todas as principais informações e acontecimentos, para facilitar posteriormente num *feedback* do professor que irá facilitar na melhoria de desempenho dos times.

As características abordadas pelo *Sport Education* possibilitam o aluno a fazer parte do ambiente de aprendizagem desempenhando importantes papéis, não somente do praticante, para que assim seja possível contemplar diversos conhecimentos para além da exclusiva reprodução prática do esporte (Vargas, Tairone Girardon, et al. 2018). E para simplificar, a autora MESQUITA (2009) define o *Sport Education* dizendo que “Harmonizar competição e participação, propiciar oportunidades de sucesso e evitar que os alunos menos dotados fiquem circunscritos ao desempenho de papéis menores são prerrogativas essenciais deste modelo”.

### **3.4 - O SPORT EDUCATION APLICADO AO VOLEIBOL E AOS ESPORTES**

Como já dito anteriormente, a modalidade do Voleibol se faz complexa quando analisada a partir dos fundamentos técnicos e táticos que são necessários para montar o jogo propriamente dito.

Levando este fato em consideração, o *Sport Education Model* vem na contramão de outras pedagogias que focam apenas no desempenho técnico dos alunos, proporcionando maiores oportunidades de sucesso e participação dos alunos menos habilidosos, dando-lhes a capacidade de desempenhar outros papéis ou tarefas que são necessárias para que o ambiente do jogo de voleibol aconteça (ISABEL MESQUITA, 2009).

Em um estudo realizado no SESC de Bauru/SP, os autores Silva e Kinchin (2017), destacaram que turmas do “Esporte Jovem Vôlei” contavam com uma média de 6 alunos por aula ainda no modelo tradicional, e que após a implementação do modelo do *Sport Education* subiu para a média de 17 alunos, tendo ao final do estudo a média de 24 alunos. Os autores evidenciaram que a dificuldade de manter uma fidelização dos alunos devido à faixa etária do grupo (13-15 anos) foi solucionada após a implementação do *Sport Education* e ainda, o colocaram sendo uma boa alternativa para resolver essas questões dentro da instituição.

Mesquita (2014) explicita a partir de um estudo com estudantes do curso de Educação Física, as contribuições formativas obtidas com a implementação do *Sport Education*. Por meio do acompanhamento do ensino esportivo no ambiente escolar, identificaram que os alunos apresentaram um comportamento mais autônomo, responsável e comprometido no decorrer das aulas, de modo que a cooperação e o entusiasmo para prática, foram facilitadores da aprendizagem coletiva.

Ginciene e Matthiesen (2017) evidenciaram em sua pesquisa, que o *Sport Education* no ensino do Atletismo contribuiu sob a perspectiva das dimensões do conteúdo, para que os alunos/participantes fossem protagonistas do processo. Neste contexto, a implementação deste modelo estimulou que solucionassem problemas, participassem efetivamente das aulas, relacionando-se com a dimensão procedimental, apropriassem-se dos assuntos abordados, contemplando a dimensão conceitual, bem como proporcionou modificações comportamentais para uma postura mais coletiva, cooperativa, correspondendo à dimensão atitudinal.

Costa et al. (2020), verificaram a partir de seu estudo que a utilização do *Sport Education Model* na formação inicial do estudantes de um curso de licenciatura em educação física, contribuiu para o aumento em questões de experiências ao processo de ensino dos esportes coletivos.

A partir de uma revisão de literatura Evangelio et al. (2018), constataram uma expansão da implementação do *Sport Education Model* nos últimos cinco anos (entre 2013 e 2017) na educação física escolar. Demonstrando resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos, desenvolvendo mais autonomia, competência e nas relações sociais.



#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente nesta revisão de literatura que o modelo tecnicista de ensino fragmentado dos fundamentos e por repetição exaustiva não é a melhor metodologia para chegar a uma melhora do desempenho e entendimento da lógica dos esportes nos diferentes contextos em que é ensinado.

A maioria dos estudos tem seu foco voltado para a escola, porém, nos clubes, escolinhas de prefeituras e demais locais com projetos de iniciação esportiva passam a ter uma complementação das aulas escolares, onde o aluno está inserido em ambos os contextos. E através desta comunicação, por falta de experiência dos professores que atuam tanto no âmbito escolar como fora dele utilizam uma visão voltada para o esporte rendimento, onde prevalece o favoritismo dos alunos mais habilidosos. Assim se mantém a ideia de que a prática pela prática irá melhorar o processo de ensino-aprendizagem, conseqüentemente causando escassez em questões de novas estratégias para o ensino.

Observou-se que, a partir do início deste século, novas propostas de ensinamentos que surgiram através da Pedagogia do Esporte começaram a estudar novas perspectivas de não tornar o esporte excludente, mas sim inclusivo, onde todos consigam ter consciência sobre como jogar, como fazer e onde utilizar isso em sua cultura corporal.

Neste estudo ficou evidente também que, poucas experiências com a metodologia do *Sport Education Model* estão sendo implementadas no Brasil. Isso porque, talvez ainda não exista um foco para esse tipo de vivência na formação dos profissionais. E se tais perspectivas não forem habituadas na formação não há como alterar tal situação na prática.

Portanto, alguns aspectos são fundamentais: a formação e novas propostas de especialização que envolva tais pedagogias atuais que alcancem pessoas que já estão no cenário prático para desenvolver uma “reciclagem de informação”. E mais do que isso, é necessário que o esporte não seja reduzido ao melhor e ao pior, mas sim, entender o esporte como formação de um cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN SPORT EDUCACION PROGRAM (ASEP). Ensinando Voleibol para jovens. 2ª ed. São Paulo: Manole Ltda, 1999.

ARAÚJO, Samuel Nascimento. O Ensino do Handebol por meio de Jogos Reduzidos (Jogo Possível). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 2014, Matinhos. Anais [...]. Matinhos: Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), 2014. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/7csbce/2014/paper/view/5895>. Acesso em: 13 jun. 2019.

ASSUNÇÃO, G. P. de. Voleibol escolar: análise de procedimentos metodológicos da prática do professor de educação física. 2013. 59 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, Macapá-AP, 2013.

BAYER, Claude. O Ensino dos Desportos Colectivos. Paris: Editions Vigot, 1994.

BENTO, J. O., Garcia, R.; Graça, A. (1999). Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas.

BIZZOCCHI, C. O voleibol de alto nível: da iniciação à competição. 2. ed. São Paulo: Manole, 2004.

BÔAS, M. S. V.; FONTANELLA, F. C.; PEREIRA, V. R. As faces do esporte e a educação física. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 11, n. 1, p. 87-96, 2000.

BOBATO, Jean Carlos. Possibilidades Metodológicas para a Organização do Trabalho do Profissional de Educação Física no Ambiente Escolar, 2012.

BOJIKIAN, J. C. M. Ensinando voleibol. São Paulo: Phorte Editora, 1999.

BORSARI, J. R. Voleibol: aprendizagem e treinamento: um desafio constante. São Paulo: Epu, 1989.

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais planejados. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas. 1996

COLLET, C. et al. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. Journal of Physical Education, v. 18, n. 2, p. 147-159, 2007.

DA COSTA, Luciane Cristina Arantes et al. O Sport Education Model como possibilidade formativa: uma experiência na formação inicial em Educação

Física. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, p. e174985556-e174985556, 2020.

DE ROSE JR, Dante. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Artmed Editora, 2009.

]

DIAS, E.R.. *O ensino e a aprendizagem do handebol na educação física escolar: o entendimento da lógica do jogo a partir da implementação de minijogos*. 2020. Dissertação (Mestrado em PROEF- Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional em EF Escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, . Orientador: Milton Vieira do Prado Junior.

EVANGELIO, Carlos et al. *The sport education model in elementary and secondary education: A systematic review*. *Movimento*, 24, 2018.

GALLAHUE, D. (2005). *Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado*. *Journal of Physical Education*, 16(2).

GINCIENE, G; MATTHIESEN, S. Q. *O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola*. *Movimento, Porto Alegre*, v. 23, n. 2., p.729-742, abr./jun. de 2017.

GINCIENE, Guy; MATTHIESEN, Sara Quenzer. *O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola*. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 23, n. 2, p. 729-742, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. *Metodologia dos esportes Coletivos*. Vitória: UFFJ, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GARGANTA, Julio Manuel. *Para uma teoria dos jogos desportivos conectivos*. In: OLIVEIRA, J.; GRAÇA, A. *O ensino dos jogos desportivos colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos da Universidade do Porto, 1998. p. 11-25

GRAÇA, A.; Mesquita, I. (2007). *A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos*. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 7(3), 401-421.

GRECO, Pablo Juan. *Conhecimento técnico-tático: o modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos*. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 107-129, 2006.

KOLBE, A. *A importância da preparação tática no desempenho técnico de equipes de voleibol*. TCC, Unesp, Bauru-SP, 2006

LEONARDI, T. J. *Pedagogia do esporte: Pressupostos para uma teoria da avaliação da aprendizagem*. Orientador: Roberto Rodrigues Paes. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296870203.pdf>. Acesso: em 03 de mar. de

2022.

MELHEM, A. Brincando e aprendendo voleibol. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro et al. Sport education model: From learning to teaching. Revista Da Educação Física/UEM, v. 25, p. 01-14, 2014.

MÜLLER, Antônio José. Voleibol: desenvolvimento de jogadores. Florianópolis: Visual Books, 2009.

OLIVEIRA, T. F. Aprendizagem do voleibol: a importância da utilização de estratégias recreativas. TCC, Unesp, Bauru-SP, Ano -2007.

PRADO JR, Milton Vieira do. Quem é o aluno da Educação Física Escolar. Projeto de Educação Continuada, Bauru, v. 5, p. 33-40, 1998.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 600-610, 2009.

RIBEIRO, J. L. S. et al. O voleibol feminino no Brasil: a seleção feminina rumo a Atlanta. Revista de Educação Física, nº 123, 2o semestre, p. 23-28, 1992.

RIGOTTI, Ubirajara Luis. O voleibol em uma proposição didático-pedagógica histórico-cultural e crítico-superadora. 2018.

ROCHA, M. A. Quantificação do número de saltos de ataque, bloqueio e levantamento no voleibol feminino. São Paulo: [s.n]. Dissertação (mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2000.

SADI, Renato Sampaio; COSTA, Janaina Côrtes; SACCO, Barbara Torres. Ensino de Esportes por meio de Jogos: desenvolvimentos e aplicações. Pensar a Prática, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 17-26, jan./jul. 2008.

SANTANA, W. A pedagogia do Esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R e BALBINO, H. F. A Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015, p.2-37.

SIEDENTOP, D. Sport Education: quality PE trough positive sport experiences. Champaign: Human Kinetics, 1994, 139p.

SILVA, Fernando G.; KINCHIN, Gary D. Aplicação do Modelo de Educação Desportiva em uma turma de voleibol da unidade de Bauru do SESC SP--Brasil. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2017.

TAIRA, M.M. A importância do aquecimento para o desempenho de atletas do voleibol. TCC, UNESP, Bauru-SP, Ano - 2007

VARGAS, T. G., Morisso, M. M., González, F. J., & Sawitzki, R. L. (2018). A experiência do sport education nas aulas de educação física: utilizando o

modelo de ensino em uma unidade didática de futsal. Movimento (ESEFID/UFRGS), 24(3), 735-748.